

Música em chamas e um Brahms sem graça

Por Pedro Boléo



Partilhar



Imprimir



Comentar



Enviar

Aut
me inui
ntar r

Lionel Bringuier é um jovem maestro de apenas 27 anos. Na famosa peça de Debussy, *Prélude à l'après-midi d'un faune*, mostrou segurança e ideias claras sobre a obra, mas a peça de Debussy (que muito livremente se inspirou num poema de Mallarmé) tem desejos e sonhos enterrados que é preciso ir levantar - pode-se escavar mais fundo no som e no sonho, mas não basta a segurança, é preciso arriscar. E seria necessário que o maestro levasse também os seus desejos e sonhos para dialogar (e porque não dançar, como fez Nijinsky há cem anos atrás?) com a partitura desta obra estreada em Paris em 1894. De qualquer modo, a Orquestra Gulbenkian fez uma muito boa abertura de concerto, com a flauta e o clarinete (instrumentos importantes aqui) em excelente forma.

Logo depois, o prato forte da noite, a estreia mundial de *Transmutations pour orchestre - La bibliothèque en feu* de Pedro Amaral, compositor e maestro. Mas quem dirigia era sempre o jovem Bringuier. E que desafio! A obra de Pedro Amaral exige muito da orquestra, sobrepondo camadas sonoras em constante mutação tímbrica, propondo efeitos de espacialização do som e sérias dificuldades rítmicas para solucionar. Concentrados, os músicos fizeram um bom trabalho.

E o que emergiu sonoramente destas dificuldades foi uma peça de pouco mais de 20 minutos, mas de grande fôlego. "Transmutações" são as transformações sonoras que sucedem na obra a partir dos seus próprios materiais, mutações da forma e variações do "gesto" musical. Mas o título pode ser lido também como ponto de chegada (e de novas partidas) do próprio percurso do compositor.

A peça tem ainda no título a evocação de um belo quadro de Vieira da Silva - *La bibliothèque en feu*. "A biblioteca em chamas" (ou "em fogo") não é uma evocação ao acaso - a música de *Transmutations* contém algo daquela abstracção e daquelas chamas do quadro de Vieira da Silva. E se quisermos seguir a metáfora pictórica, diríamos que a música de Pedro Amaral procura "pôr no espaço" grandes e pequenas pinceladas que coexistem (sem se apagarem umas às outras) e revelam inesperadas paisagens.

A espacialização parece particularmente bem conseguida nas percussões e nos sopros, de que o compositor faz uso rico e abundante. Muitos acontecimentos sonoros (como há aqui) podem confundir o ouvinte, mas Pedro Amaral "pinta", ao mesmo tempo, pinceladas longas, como um bordão, e violentas explosões sonoras, em fortíssimo, como se o fogo estivesse à beira de consumir a própria obra. Claras, rigorosas, abstractas, mas perigosas explosões.

Foi pena acabar com um Brahms assim, na segunda parte. Não que a orquestra tenha tocado mal, tocou até com entusiasmo. Mas aqui o jovem maestro fez uma leitura com defeitos essenciais: o primeiro foi nada acrescentar de novo à Sinfonia n.º 1 de Brahms. O segundo foi enganar-se nalguns tempos e articulações de frases, sobretudo na parte final, em que não soube ligar as partes, precipitando e confundindo tudo. Já no andamento anterior se tinha mostrado rígido. O andamento é *Un poco allegretto e grazioso*. O maestro esqueceu-se do gracioso.